

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Journal de Brasília

Class.:

1680

Data:

07.03.90

Pg.:

Sobre o fim dos Yanomami

Laymert Garcia dos Santos

190
No que se tem dito e escrito sobre o destino dos Yanomami, há um silêncio a respeito da dimensão maior do que está efetivamente em jogo. Como se houvesse uma incompreensão de que a tragédia dos índios nos afeta e nos compromete de um modo fundamental, mesmo que não nos demos conta disso.

O máximo que se tem invocado em defesa dos Yanomami são razões humanitárias e jurídicas — como nós, eles também têm direito à vida! Daí o tom de denúncia de violação dos direitos que marca toda a abordagem da questão, daí a criminalização do problema e a procura dos culpados. É claro que está ocorrendo um crime, imenso, é claro que há responsáveis, muitos. Mas o principal se encontra além da denúncia e não pode ser por ela alcançado. O principal é que, com o fim dos Yanomami, estamos eliminando a possibilidade de viver em equilíbrio com a natureza.

A ecologia está na ordem do dia. No mundo inteiro só se fala disso. As televisões emitem programas “verdes” o tempo todo, a capa dos cadernos das crianças clama por socorro pela camada de ozônio, os governos, os bancos e a opinião pública se declaram francamente favoráveis à preservação do meio ambiente. De que serve, entretanto, tudo isto se o mundo assiste impassível e impotente justamente a extinção dos povos que sabem como viver em harmonia com a natureza? Como acreditar que poderemos encontrar o caminho se começamos por destruir e deixar destruir aqueles que podem ensiná-lo?

É no mínimo estranho que se façam tantas campanhas em defesa das espécies de animais que estão desaparecendo, e que não surja um movimento internacional contra a extinção dos Yanomami. É imprescindível manter vivas a fauna e a flora, preservar a riqueza da vida que está presente na variedade de suas manifestações. Mais imprescindível ainda é manter vivo um dos povos mais antigos do mundo, cujo espírito soube apreciar, conservar e amar essa riqueza, guardando-se dentro dela.

Por cultuarem e cultivarem há

milênios a riqueza da vida natural, os índios fizeram de suas próprias vidas um patrimônio de valor incalculável para toda a humanidade. Seu valor é inestimável precisamente porque produzem a mais sublime de todas as artes, que é a arte de viver, e porque essa obra não se transforma num objeto, mas, antes, no puro aperfeiçoamento do contato entre o espírito humano e as forças que movem o mundo.

A ecologia não tem futuro se, no Ocidente, os Yanomami e outras tribos são extintos e, no Oriente, o povo tibetano é perseguido por insistir em manter presente e ativa a dimensão sagrada da vida e da natureza. A ecologia não tem futuro se for mais uma técnica, mais uma disciplina, mais uma indústria explorando uma fatia do mercado. A ecologia precisa da técnica, da ciência e dos recursos econômicos — para pô-los a serviço de um saber e de um método que levem o homem civilizado a redescobrir a arte de viver em equilíbrio com o meio ambiente, tanto onde ela ainda existe e é praticada, como onde ela já precisa ser inventada, isto é, no próprio habitat urbano-industrial. A ecologia não tem futuro se continuarmos tratando o mundo como uma reserva de matéria-prima cujos recursos apenas precisam ser mais racionalmente administrados.

Caso a ONU, a UNESCO, os governos e os organismos internacionais, caso a opinião pública nacional e mundial, enfim, caso os homens aceitem a extinção dos Yanomami e não se esforcem para impedi-la, de nada valerão os discursos ecológicos e as tentativas de preservação. Terão prevalecido os impulsos predatórios, os mesquinhos interesses imediatos e, sobretudo, a enorme ignorância que obscurece o entendimento do papel crucial que os povos indígenas podem exercer em nossa própria evolução.

O Brasil tem um dos tesouros culturais e espirituais mais importantes do planeta, um tesouro vivo que nos foi legado intacto pelos

tempos primordiais, um tesouro que, além de tudo, é uma promessa, uma esperança para todo o mundo. No Brasil não é preciso viajar na máquina do tempo para se encontrar, hoje, a aurora do homem e a luz para uma nova aurora. O Brasil teve a graça de receber essa riqueza mas, por não compreendê-la, faz o que pode para liquidá-la.

Não se pode permitir que seja reeditado o que ocorreu nos Estados Unidos no final do século XIX. Há exatos cem anos os americanos completaram, com um massacre em Wounded Knee, o processo de ruptura do sagrado que unia os homens, a terra e o cosmos. Lá, como aqui, a cobiça do ouro foi a energia da destruição; lá, como na terra dos Yanomami, começou-se pela invasão do território e sua desintegração em ilhas desarticuladas — o que transforma os índios, nômades, em autênticos prisioneiros de guerra; lá, como aqui, se favoreceu a destruição ambiental, fabricando a fome, a miséria e a doença; lá, como aqui, os governantes, os “responsáveis”, fizeram promessas, ofereceram proteção, montaram com mentiras uma armadilha; lá, como aqui, a morte não sobreveio como algo inelutável, foi produzida.

Em Black Elk speaks, o velho pajé Siox diz, com terrível concisão, o sentido do processo de extinção: “O aro do povo se quebrara, e não havia mais centro para a árvore florescente. Os homens estavam desesperados. Eles me pareciam pesados, pesados e sombrios; tão pesados que era como se não pudessem ser levantados; tão sombrios que não poderiam mais estar em condições de ver. (...) A vida do povo estava no zero — e o que são muitas pequenas vidas, se a vida dessas vidas se foi?”

Os Yanomami estão ameaçados de extinção. Devemos concluir que nada mudou em um século?

□ Laymert Garcia dos Santos é professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)